

# A CONVIVÊNCIA ESCOLAR E O *BULLYING*: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA MORAL

GABRIELA MARIA SUSIN\*  
MÔNICA TESSARO\*\*

## RESUMO

O *bullying* é compreendido como uma manifestação de violência que afeta os aspectos cognitivos e emocionais das crianças e, em consequência, prejudica a convivência escolar. Por isso necessita do desenvolvimento de intervenções capazes de minimizar esses impactos. Uma das alternativas pensadas neste artigo é a inserção do psicólogo escolar atuando na identificação, intervenção e prevenção dessa prática de violência. Nesse sentido, visando contribuir com a construção de conhecimentos acerca da importância da promoção da convivência escolar como uma ação de prevenção do *bullying*, essa pesquisa objetivou analisar os impactos de uma intervenção sobre a promoção da convivência escolar entre os alunos matriculados no 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, localizada no meio-oeste catarinense. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizadas práticas divididas em três blocos, a saber: i) instrumentos de diagnóstico; ii) instrumentos de intervenção; iii) fechamento. A análise de dados foi realizada por meio da interpretação e categorização dos resultados, associando-os com referenciais teóricos da área da Psicologia Moral. Foram organizadas no processo de análise três categorias analíticas: i) conhecendo as relações de convivência entre alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I;

---

\* Acadêmica da 10ª fase do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina, *Campus* de Joaçaba; gabrielasusin\_@hotmail.com

\*\* Professora Orientadora Doutora em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; monica.tessaro@unoesc.edu.br

ii) intervenções baseadas nos pressupostos da Psicologia Moral para a promoção da convivência na escola; iii) possibilidades de promoção da convivência construídas a partir da intervenção. Por meio do desenvolvimento da pesquisa, foi possível fornecer subsídios teóricos e práticos para estudantes, bem como oferecer oportunidades de incentivo para a resolução de conflitos, melhora nas relações de convivência entre os envolvidos e ampliação de conhecimentos acerca da problemática.

**Palavras-chave:** Convivência Escolar; *Bullying*; Psicólogo Escolar.

## 1. INTRODUÇÃO

A entrada na instituição escolar é marco no desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, pois, além da promoção do conhecimento científico e da percepção de mundo, envolve a criação das relações interpessoais e transpessoais. Para os autores da psicologia moral (LA TAILLE, 2006; TOGNETTA; OLIVEIRA; BOMFIM, 2021), o contato com os pares, ou seja, com indivíduos de mesma faixa etária, é importante para o desenvolvimento e amadurecimento moral das crianças. Para os referidos autores, é no contato com o outro, ao longo do tempo, que crianças e adolescentes aprendem sobre as questões relativas à convivência coletiva e desenvolvem seus valores morais, como respeito, justiça social e igualdade.

Contudo, questões relativas à convivência escolar são consideradas um desafio permanente que há muitas décadas preocupa profissionais da educação, famílias e idealizadores de políticas públicas (TESSARO, 2022). Portanto, o que não ia bem, foi intensificado nos últimos dois anos, com destaque para o ano de 2020, o qual foi marcado pelo advento da pandemia da Covid-19. Entre seus desafios, destacamos a questão do isolamento social, ou seja, o convívio social passou a ser extremamente limitado, escolas foram fechadas e os estudantes foram privados do contato físico com seus colegas e professores.

A título de ilustração, localizamos a pesquisa realizada em 2021 pelo Instituto DataSenado, com o intuito de levantar informações referentes aos impactos da pandemia na educação, a qual revelou que, além dos evidentes prejuízos no ensino e na aprendizagem formal, efeitos negativos também foram observados no que faz referência às questões emocionais e relacionais, ou seja, conviver com o outro ficou ainda mais difícil (BRASIL, 2022). Outro estudo, como o de Romanzini, Botton e Vivian (2022), igualmente nos aponta que a saúde mental de crianças e adolescentes teve impactos psicológicos expressivos em razão do isolamento e do distanciamento social.

Por isso, com o retorno às aulas presenciais, as crianças têm enfrentado desafios de readaptação escolar, assim como no estabelecimento da convivência entre os pares, podendo ser observadas inúmeras representações de violências físicas, psicológicas e morais (TOGNETTA, 2022). Assim, as escolas, que já lidavam com problemas de grande complexidade, agora passam a perceber a convivência como uma questão ainda mais preocupante (DISKIN; ROIZMAN, 2021).

Essa situação problema é ilustrada em uma reportagem do G1 Educação, em que a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico divulgou que 29% dos 10.691 estudantes que participaram do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), no ano de 2018, responderam já terem sofrido *bullying* ao menos uma vez por mês (OLIVEIRA, 2019). Nessa mesma linha, o *site* Faz Educação & Tecnologia (2022), apontou que a socialização tem se configurado o maior problema a ser enfrentado pelas escolas no período de retorno às aulas presenciais. Dessa forma, nosso interesse é analisar os impactos de uma intervenção sobre a promoção da convivência escolar entre os alunos matriculados no 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, localizada no meio-oeste catarinense.

Segundo a Lei n.º 13.185, de 2015, que Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) esse fenômeno é

compreendido como uma intimidação sistemática, uma ação de violência envolvendo aspectos físicos e psicológicos, de natureza intencional e repetitiva, sem aparente motivação. É praticada de forma individual ou coletiva, com o objetivo de intimidar e até mesmo agredir, causando dor, sofrimento e angústia às vítimas, em uma relação desequilibrada de poder entre os envolvidos (BRASIL, 2015). Trata-se, portanto, de uma *prática que inviabiliza a convivência entre alunos*.

Desde 2018, a lei *antibullying* foi integrada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), trazendo para as instituições de ensino a obrigatoriedade de incentivar o desenvolvimento de práticas de entendimento, de prevenção e de contenção a todos os tipos de violência física ou psicológica, especialmente, a intimidação sistemática (*bullying*) (BRASIL, 1996). Portanto, as escolas são ambientes que devem favorecer o desenvolvimento de inúmeras capacidades, competências e habilidades, bem como a construção e consolidação de conhecimentos, conceitos e senso crítico. Além disso, a instituição escolar deve ser um espaço acolhedor, em que crianças e jovens desenvolvem-se em conjunto com suas competências, tornando-se capazes de resolver seus conflitos de forma prática, de envolver-se com o contexto escolar, com a comunidade e com as diferentes esferas sociais (DISKIN; ROIZMAN, 2021).

Entender a importância desses aspectos, bem como do protagonismo dos estudantes, implica no desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem que viabilize a participação ativa das crianças e adolescentes em questões escolares, culturais e coletivas, a fim de oportunizar a construção da identidade, autonomia e comprometimento social (TOGNETTA, 2020a).

Para Tognetta (2022), a escola é o local ideal para que o indivíduo aprenda a conviver com as diferenças, a fim de construir relacionamentos, aperfeiçoar relações interpessoais e sociais. Constantemente as crianças se envolvem em situações de conflito, as quais precisam ser capazes de participar de sua

resolução, a fim de entender o funcionamento da dinâmica de resolução desses problemas ao longo da vida, tomando decisões assertivas e coerentes, sem necessitar da intervenção de terceiros, pois quando não resolvidos de maneira adequada, os conflitos podem vir a se tornar manifestações que prejudicam significativamente a convivência escolar (TOGNETTA, 2020a).

Conviver significa “viver com”, é o que serve de alicerce para a existência humana, seu aprendizado abrange desenvolver o olhar para o outro, envolve a compaixão, compromisso e responsabilidade com a vida do outro. Sua prática é cotidiana, estando constantemente sob risco de ser desaprendido ou esquecido (CHALITA, 2008). Atitudes que não contemplam esse entendimento podem ocasionar prejuízos às pessoas, como, por exemplo, a violência do tipo *bullying*.

Considerando os reflexos desse cenário, as instituições de ensino e seus profissionais, especialmente os professores, precisam buscar novas possibilidades de não apenas enfrentar, mas também de prevenir o *bullying*. Uma possibilidade apresentada nesta investigação é a inserção de profissionais da psicologia no campo educacional, os quais podem, além de trabalhar com as questões de convivência, auxiliar no desenvolvimento de práticas pedagógicas e na formação de professores (PAZ; FRAGA, 2022; TESSARO, 2022).

Sustentamo-nos em indicativos da Lei n.º 13.935, de 2019, que dispõe sobre a prestação dos serviços de psicologia e do serviço social nas redes públicas de educação básica, firmando o compromisso do profissional de psicologia no atendimento das necessidades definidas pelas políticas educacionais, por meio de equipes multiprofissionais (BRASIL, 2019). Contudo, sabemos que, embora acordado em lei, muitas escolas não dispõem em seu quadro de cargos esse profissional, o que acarreta defasagens e sobrecarga de trabalho para os profissionais da educação.

A importância do desenvolvimento deste estudo justifica-se em razão dos problemas associados ao *bullying*, especialmente

*os relativos à convivência interpessoal.* Nossa hipótese é que o ambiente escolar precisa ser capaz de oportunizar aos estudantes a construção de valores morais, vínculos afetivos pautados no diálogo e no exercício da cidadania, no respeito às diferenças, no pensamento individual e coletivo (TOGNETTA; OLIVEIRA; BOMFIM, 2021). Dessa forma, é preciso fornecer a eles ferramentas pedagógicas, teórico-práticas, a fim de que possam desenvolver essas potencialidades morais, objetivando melhoria nas relações de convivência.

## **2. CAMINHO METODOLÓGICO**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso. Essas investigações são compreendidas como uma combinação entre os aspectos relacionados com a observação, a reflexão e a interpretação, à medida que a análise avança, sendo dependente de várias práticas que são responsáveis por nortear a pesquisa, como: natureza de dados coletados, extensão da amostra, instrumentos de pesquisa e pressupostos teóricos (GIL, 2002).

Já o estudo de caso possibilita a avaliação de determinado fenômeno de forma mais minuciosa, por isso escolhemos esta metodologia em razão de seu potencial de aproximação com o contexto estudado. O estudo de caso possui diferentes propósitos, por exemplo: i) exploração de situações de vida real (sem limites definidos); ii) preservação de caráter unitário do objeto estudado; iii) descrição da situação de contexto da investigação; iv) formulação de hipóteses ou desenvolvimento de teorias; v) explicação de variáveis causais de determinado fenômeno em situações complexas (GIL, 2002).

### **2.1 Caracterização da Amostra**

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola de educação básica municipal do meio-oeste catarinense que presta atendimento aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os partici-

pantes deste estudo de caso estavam matriculados na turma do 5º ano do período vespertino, a qual possui 17 alunos, destes 6 são meninas e 11 são meninos, com idades entre 9 e 12 anos. A razão da escolha de faixa etária específica ocorreu em razão de que as crianças nessa fase (9 – 12 anos) encontram-se em desenvolvimento de sua consciência moral e social. Assim, é importante que encontremos instrumentos capazes de incentivá-las a perceberem-se para além de espectadores, como atuantes, decidindo e escolhendo como expressar aquilo que pensam e sentem, tornando-se aptos para restabelecer o equilíbrio nas relações interpessoais no contexto escolar (TOGNETTA; ROSÁRIO, 2013).

## 2.2 Instrumentos de coleta de dados

Em relação à coleta de dados, foram utilizados os instrumentos organizados no Quadro 1, a saber:

**Quadro 1** – Instrumentos de coleta de dados

| Etapa       | Instrumento  | Objetivo  |
|-------------|--|---|
| Diagnóstico | 1. Momentos de observação da turma adaptação e da análise do “Clima Escolar” de Tognetta (2022).   | Conhecer e compreender o funcionamento das relações de convivência da turma. Duração de observação contemplou 8 horas-aula, ocorrendo em dias alternados da semana, sem aviso prévio aos alunos.                    |
|             | 2. Aplicação de questionário adaptado das pesquisas de Hasper (2016) e de Vinha e Tognetta (2010). | Compreender os conhecimentos dos estudantes acerca da problemática <i>bullying</i> , iniciar diálogo partindo destas concepções prévias e adequação do conteúdo e dos materiais a serem explorados em sala de aula. |

|             |  |   |
|-------------|--|---|
| Intervenção | 3. Diário do <i>Bullying</i> , material adaptado do livro “ <i>Autocompaixão</i> ”, da autora Kristin Neff (2017).                                     | Oportunizar base teórica, registros escritos sobre experiências de <i>bullying</i> , espaço para desabafo daqueles que demonstrarem maior resistência com as exposições orais e local para construção de atividades de sala.  |
|             | 4. Dinâmica de “Autor-relato” adaptada de atividades propostas no site “ <i>Somos todos contra o bullying</i> ” (2021).                                | Oportunizar identificação e compreensão de semelhanças e diferenças entre o eu, o outro e o nós, bem como diferentes formas de manifestação de sentimentos, ideias, memórias, preferências e crenças.                         |
|             | 5. Dinâmica de fixação conteúdo adaptado da apostila Cartoon Network (2013).   | Oportunizar exercícios para fixação e significação de conceitos teóricos com situações vivenciadas no ambiente escolar.   |
|             | 6. Dinâmica: “Como podemos cuidar dos valores que queremos?” adaptada de atividades propostas no site “ <i>Somos todos contra o bullying</i> ” (2021). | Oportunizar momentos de troca sobre os conhecimentos aprendidos e visualizar de forma mais concreta os impactos das atitudes de <i>bullying</i> sobre as outras pessoas, os sentimentos e os comportamentos a ele associados. |
|             | 7. Dinâmica “Passa ou Repassa do <i>bullying</i> ” conteúdo adaptado Cartoon Network (2013).   | Oportunizar momentos de troca sobre conhecimentos assimilados e visualizar de forma mais concreta (imagens/perguntas e respostas) os impactos do <i>bullying</i> , os sentimentos e os comportamentos a ele associados.       |
|             | 8. Dinâmica “Post-It” com conceito.  | Oportunizar registro escrito e construção individual de conceito a partir dos conteúdos aprendidos em sala de aula sobre o “ <i>bullying</i> ”.   |



|            |   |  |
|------------|---|--|
| Fechamento | 9. Dinâmica de troca de experiências (familiares) sobre “ <i>bullying</i> ” e construção “Acróstico”. | Incentivar o início de um diálogo sobre o <i>bullying</i> com os familiares, objetivando externar os conceitos aprendidos em sala de aula para o ambiente familiar.  |
|            | 10. Lembrança “Bloco de Recados”.   | Incentivar a continuação dos trabalhos desenvolvidos no período de intervenção, atuando como um material de uso individual para mensagens silenciosas, para desabafo pessoal ou conforto/apoio para colegas. |
|            | 11. Construção de “Portfólio” para a escola.  | Construção de material teórico-prático com todas as atividades desenvolvidas durante intervenção com o intuito de fornecer suporte às instituições para continuação de práticas.                             |

Fonte: elaborado pelas autoras.

Conforme podemos observar, o processo de desenvolvimento da pesquisa ocorreu em três etapas: diagnóstico, intervenção e fechamento. Cada etapa contou com instrumentos e objetivos específicos. Para análise dos dados, utilizamos a análise de conteúdo de Bardin (1977). Nessa perspectiva, a análise é desenvolvida por meio da sistematização de três procedimentos, a saber: a) a pré-análise; b) a exploração do material; c) o tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação.

Destacamos que essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Oeste de Santa Catarina, tendo sua aprovação sob o número do parecer n. 6.021.453.

### 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção apresentamos as categorias analíticas que emergiram a partir do processo de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (BARDIN, 1977). Ao

todo três categorias foram construídas, a saber: i) Conhecendo as relações de convivência entre alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I; ii) Intervenções baseadas nos pressupostos da Psicologia Moral para a promoção da convivência na escola; iii) Possibilidades de promoção da convivência construídas a partir da intervenção.

### **3.1 Conhecendo as relações de convivência entre alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental I**

É importante lembrar que antes de organizar uma atividade de promoção da convivência, autores que se embasam na perspectiva da Psicologia Moral, como Vinha e Tognetta (2010), alertam a respeito da importância de se conhecer e realizar um diagnóstico sobre a realidade da escola/turma. Nesse caso, esta categoria compreende as duas primeiras etapas da pesquisa: o diagnóstico e o processo de intervenção.

Esses momentos oportunizaram identificar questões pontuais relativas à convivência interpessoal, como: estabelecimentos de pequenos grupos de afinidade, separação entre meninos e meninas, apelidos e piadas pejorativas atribuídas no sentido de “brincadeiras”. Percebeu-se, portanto, que esses modos de se relacionar envolviam conflitos brandos (TOGNETTA, 2022).

Assim, considerando que o trabalho em sala de aula precisa ser estruturado de maneira a educar meninos e meninas para relações de convivência de qualidade (VINHA; TOGNETTA, 2010), que viabilizem o respeito e a compreensão da diferença como parte importante do processo de ensino-aprendizagem, é preciso eliminar qualquer prática que possa vir a manifestar atitudes de desrespeito, intolerância ou violência.

Depois desse período de observação, as atividades de diagnóstico continuaram com a realização de um questionário aplicado em momento único, com duração de uma hora-aula, sem interferência externa. Os alunos foram orientados a ler as instruções e responder às perguntas, que envolviam a temática

da convivência e do *bullying*, de acordo com a compreensão individual. Por meio da análise das respostas foi possível identificar que na referida turma já haviam sido realizadas práticas relacionadas ao *bullying*.

E, quando questionados sobre o que é o *bullying*, diferentes respostas foram dadas, por exemplo, um aluno caracterizou o fenômeno como: “Uma pessoa que dá apelido a outra pessoa ou a xinga, o mais comum é o apelido” (Estudante, 1). Outro aluno compreende que: “*Bullying* é quando alguém fala que você é gordo, magro, alto, baixo, feio, girafa, entre outros, e no fim lhe dá apelidos que você não gosta.” (Estudante, 2).

Manifestação frequente no ambiente escolar, o *bullying* é um fenômeno multicausal, complexo e particular de violência que deturpa a imagem que o indivíduo tem de si mesmo, diante de seus grupos de convivência (TOGNETTA, 2020b). Nesse sentido, é possível observar que, embora em senso comum as crianças já possuíam conhecimentos prévios acerca da problemática, em decorrência do fenômeno apresentar características peculiares, fez-se necessário organizar as intervenções de modo a atuar tanto na prevenção quanto no reconhecimento da ocorrência desse problema (TOGNETTA, 2020b).

Dessa forma, a partir do diagnóstico inicial, o próximo passo foi iniciar o processo de intervenção, onde os alunos foram considerados protagonistas e envolvidos em todas as atividades.

### **3.2 Intervenções baseadas nos pressupostos da psicologia moral para a promoção da convivência na escola**

A intervenção ocorreu no mês de junho de 2023, com início no dia 5 e término no dia 19, onde utilizamos diferentes instrumentos e estratégias interventivas. O primeiro material apresentado à turma, nomeado *Diário do bullying*, foi dividido em três etapas: i) material de apoio; ii) espaço para relato de experiência; e iii) folhas de atividades.

Assim, este material foi construído com o intuito de que tivesse informações teóricas básicas a respeito da problemática,

como: conceito do *bullying* e atores envolvidos neste fenômeno, nos embasamos nas leis: n.º. 13.185/15, 13.227/16, 13.663/18 (BRASIL, 2015, 2016, 2018). Nosso objetivo foi ampliar os conhecimentos dos estudantes e atribuir significado a situações inadequadas ao contexto da boa convivência, que, por vezes, são taxadas como “brincadeiras”. Nesse sentido, os alunos foram orientados sobre a maneira como deveriam se utilizar do *Diário do bullying*, cada um recebeu números para identificação do seu material, essa foi uma estratégia da pesquisadora a fim de auxiliar no processo de organização e análise dos dados posteriormente.

Cabe aqui relacionar que por meio da análise das atividades do material de diário foi possível observar o conhecimento que os estudantes tinham sobre a problemática, a exemplo nos relatos de experiência que compunham o material de diário, onde todos os alunos relataram já terem vivenciado alguma situação de *bullying*, assumindo o papel de vítima ou testemunha, o que serve de ilustração para a afirmação de Chalita (2008), que enfatiza que todos nós, em algum momento de nossas vidas, testemunhamos alguma “brincadeira de mau gosto”, que se trata de um ato de *bullying*, seja como vítima, testemunha ou autor. Conforme exemplos apresentados na Figura 1.

A imagem ilustra o relato de experiência de *bullying* de um aluno, vítima do fenômeno. Entre as respostas do aluno sobre o relato de experiência, destacamos que, quando questionado sobre o que fez quando percebeu estar vivenciando uma situação de *bullying*, respondeu: “*Eu fiquei muito triste e não contei para ninguém.*” E, quando questionado sobre de que maneira poderia ter agido diante da situação, continuou: “*Ter falado para a diretora ou alguma professora.*”

Esses apontamentos serviram para demonstrar o entendimento e a percepção dos alunos sobre seu papel dentro de uma situação em que a problemática se apresenta, bem como a compreensão sobre a importância e a necessidade de compartilhar essas experiências com adultos de confiança em vez

**RELATO DE EXPERIÊNCIA**


## RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE BULLYING

NO DIA \_\_\_\_\_  
EU PRESENCEI UMA SITUAÇÃO DE BULLYING.

NESTA SITUAÇÃO QUE PERSONAGEM VOCÊ FOI:

VÍTIMA  
 AGRESSOR  
 TESTEMUNHA

COMO VOCÊ SE SENTIU:



**PERGUNTAS:**

1) O que você fez quando percebeu que era uma situação de Bullying? eu fiquei em silêncio e não contei para ninguém.

2) De que maneira você poderia ter agido nessa situação? ter falado para o diretor ou para alguma professora.

3) Caso essa situação volte a acontecer o que você pode fazer? bater para o professor ou para um colega seu.

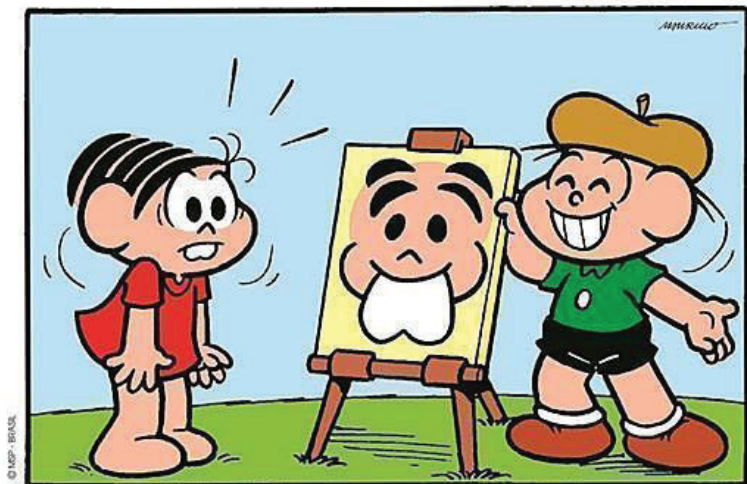
**Figura 1** – Relatos de Experiências de *bullying*

Fonte: organizada pela autora.

de silenciar-se. Para Tognetta (2020b), nenhuma escola está livre de conflitos, a mudança está na percepção de como esses são observados dentro desse cenário. Nesse sentido, é preciso que quando as crianças busquem pelo apoio dos adultos nessas situações, encontrem um profissional que irá realizar o manejo adequado da situação.

A fim de introduzir o tema no contexto de sala de aula, os alunos receberam uma imagem para colar no diário, a qual apresentava uma cena tradicional das histórias em quadrinhos

da Turma da Mônica (Maurício de Souza), conforme Figura 2, onde deveriam inicialmente observar de maneira individual os detalhes da imagem e, na sequência, registrar o que identificaram na imagem.



**Figura 2** – Imagem “Turma da Mônica”

Fonte: retirado da Rádio Brasil de Fato (2022).

A imagem oportunizou a construção de um diálogo quanto às “brincadeiras” do personagem Cebolinha sobre a personagem Mônica, bem como os impactos dessas ações na convivência dos dois. Esse momento favoreceu a reflexão dos estudantes acerca dos valores socioemocionais nas relações interpessoais, como o respeito ou a intolerância (FRICK *et al.*, 2019), uma vez que perceberam que após as práticas do Cebolinha, Mônica reage com violência física. Esse momento de reflexão abriu espaço para discutirmos com os alunos as estratégias que os personagens poderiam adotar.

Objetivando informar, sensibilizar e conscientizar os estudantes a respeito do conceito do *bullying*, foram explorados, em

formato de diálogo coletivo, os indicativos das leis: nº. 13.185/15, 13.227/16, 13.663/18 (BRASIL, 2015, 2016, 2018), conforme conteúdo da Figura 3, que apresenta o material elaborado e disponibilizado para os alunos. À medida que a teoria era apresentada, os estudantes assimilaram seus significados e conseguiram contribuir, relembrando acontecimentos e fornecendo exemplos.





| MATERIAL DE APOIO   | MATERIAL DE APOIO  |
|---|--|
|  <p><b>AS LEIS SOBRE BULLYNG:</b></p> <p>Leis brasileiras desenvolvidas exclusivamente para o trabalho com o tema.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Lei nº 13.185 de 2015</b> Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) entende o fenômeno como: intimidação, ação de violência que envolve aspectos físicos e psicológicos, de maneira intencional e repetitiva, sem motivo aparente. Praticada por indivíduos ou grupos, contra uma ou mais pessoas, com objetivo de intimidar e até mesmo agredir, causando dor, sofrimento e angústia às vítimas. (BRASIL, 2015).</li> </ul> <p>BRASIL, Lei nº 13.185 de 6 de novembro de 2015. <b>Institui o Programa de Combate a Intimidação Sistemática (Bullying)</b>. Brasília, DF, 2015.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Lei nº 13.227/ 2016</b> Institui o <b>07 de abril</b> como <b>Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola</b> instituída com o objetivo combater o Bullying e a violência dentro das escolas, e estimular o desenvolvimento de campanhas associadas ao tema.</li> </ul> <p>BRASIL, Lei nº 13.227 de 29 de abril de 2016. <b>Institui o dia 07 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola</b>. Brasília, DF, 2016.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Lei nº 13.663/2018</b> Alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/26 acrescenta o Art. nº 12 na Lei 9.394/96 para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e combate a violência e a promoção de cultura de paz como dever das escolas.</li> </ul> <p>BRASIL, Lei nº 13.663 de 14 de maio de 2018. <b>Altera o Art. 12 da Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996</b>. Brasília, DF, 2018.</p> | <p><b>O QUE É BULLYNG:</b></p> <p>Corresponde a uma ação de violência envolvendo aspectos físicos e psicológicos que ocasiona dor, sofrimento e angústia a vítima, apresentando como características principais:</p> <p><b>REPETIÇÃO</b><br/>Quando a pessoa pratica a violência com frequência.</p>  <p><b>FOCO</b><br/>O agressor pratica o bullying repetidamente com a mesma pessoa.</p>  <p><b>INTENCIONALIDADE</b><br/>Quando a pessoa faz algo de propósito para machucar a outra pessoa.</p>  <p><small>TEXTO ADAPTADO: BRASIL, Lei nº 13.185 de 6 de novembro de 2015. <b>Institui o Programa de Combate a Intimidação Sistemática (Bullying)</b>. Brasília, DF, 2015.</small></p> |

Figura 3 – Material de Apoio do *Diário do bullying*

Fonte: conteúdo organizado pela autora, com base nas Leis: nº. 13.185/15, 13.227/16, 13.663/18 (BRASIL, 2015, 2016, 2018).

Seguindo o cronograma de intervenções, apresentamos aos alunos o texto *Ninguém é igual a ninguém*, conforme exposto na Figura 4.

### **Ninguém é igual a ninguém**

Moro em uma rua que não é grande nem pequena e tem gente de todo o jeito.

Paulinho, meu vizinho da esquerda, é gorducho. Alguns meninos vivem gritando para ele: "Paulinho, baleia, saco de areia". Ele chora e chora.

Joana, a vizinha da direita, é negra e sempre diz que queria ser branca.

[...]

É que em toda casa, tem sempre alguém que quer ser diferente do que é.

Eu sou magrelo porque é assim que sou, antes não gostava que ninguém mexesse comigo. Já tive apelido de palito, vareta, linguiça. Agora nem dou bola mais para os apelidos, pois não sou linguiça, nem palito, nem vareta.

Sou um menino chamado Danilo que não é gordo, nem médio, sou magro e bom das pernas. Não perco uma corrida.

Já pensou se todos fossem iguais? Acho que as pessoas teriam que andar com o nome escrito na testa para não serem confundidas com as outras.

**Figura 4** – Texto introdutório “Ninguém é igual a ninguém”

Fonte: retirado de Rennó e Otero (2000).

A partir da leitura, discussão e problematização do texto, os estudantes foram convidados a refletir e a registrar como seria uma escola onde todos fossem iguais. As respostas evidenciaram que o coletivo considera desinteressante um ambiente sem diferenças, servindo de justificativa para a importância do trabalho com a problemática, especialmente na escola, que apresenta um contexto heterogêneo, e justamente por essa característica que crianças aprendem a lidar com o diferente. Perceber as individualidades como características que complementam a história pessoal que assegura a singularidade e servem de alimento para o bem-estar comum (CHALITA, 2008).

Entre os apontamentos e inferências dos alunos sobre o texto, destacamos a seguinte fala: “Isso iria ser muito ruim, porque isso seria muito chato, todo dia chegarmos na escola e ter sempre a mesma coisa, é a mudança que faz a gente se conhecer.” (Estudante 3). E, “Não seria nada legal, eu não gostaria que todos fossem iguais porque desse jeito não teríamos diferença nenhuma.” (Estudante 4).



Essas falas ilustram que a atividade oportunizou mediar os estudantes para a compreensão de que a escola é um espaço de acolhida (TOGNETTA; LEPRE, 2022), assim, as diferenças precisam ser incorporadas e compreendidas. A intervenção seguiu com o desenvolvimento da dinâmica “Autorretrato”, na qual foram apresentadas imagens (pinturas e de pessoas) e questionamentos sobre a aparência dessas pessoas, sendo construída de maneira coletiva. Para Vinha *et al.* (2017), a aprendizagem precisa ocorrer de maneira gradual, do compromisso de todos por uma convivência respeitosa por meio de métodos de ensino favoráveis à participação de todos.

Após suas contribuições, os estudantes foram informados a respeito das questões de vida das pessoas retratadas nas imagens da dinâmica, como: nome, profissão, individualidades na aparência e as práticas de *bullying* sofridas. A justificativa da escolha dessa estratégia foi demonstrar aos estudantes que esse fenômeno pode acontecer com qualquer pessoa, em qualquer cenário (CHALITA, 2008).

Para finalizar essa atividade, os alunos foram instruídos a construir seu próprio autorretrato, onde deveriam ilustrar, além da percepção de aparência física, os sentimentos que estavam vivenciando naquele dia, o local onde estavam e as atividades de preferência. A realização da atividade oportunizou compreensão acerca da autopercepção, além da identidade pessoal que está sendo construída (TOGNETTA; OLIVEIRA; BOMFIM, 2021). Na Figura 5, apresentamos o autorretrato construído por um dos alunos.

Esta foi uma atividade que demandou maior tempo, já que os alunos sentiam dúvidas sobre como poderiam se apresentar. Construir seu autorretrato é uma tarefa complexa, pois envolve o construir-se e reconhecer-se no “mundo”, compreender o que gostamos ou como estamos nos sentindo, ainda mais quando envolve crianças, que estão em formação. Se as características particulares não forem bem desenvolvidas, elas podem vir a

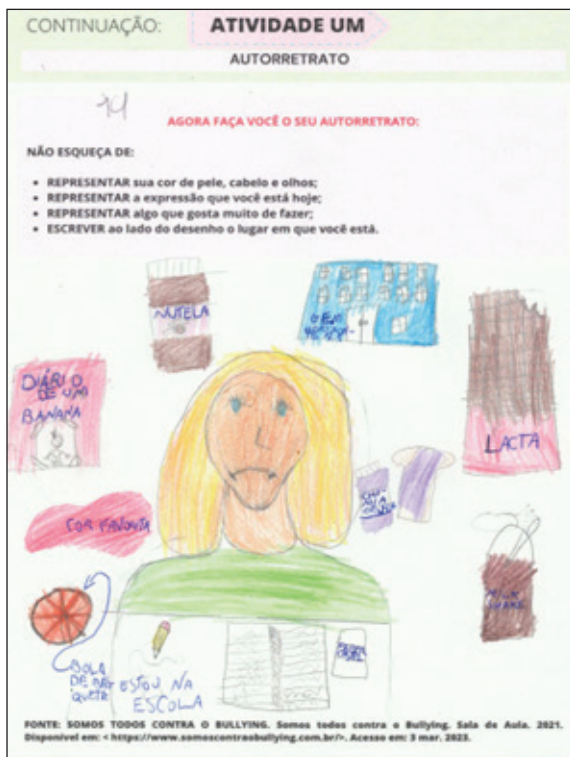


Figura 5 – Atividade de “Autorretrato”

Fonte: organizada pela autora.

acarretar em sofrimento emocional futuro, o que acabará por influenciar diretamente na formação saudável de sua identidade (TOGNETTA, 2020a).

Além dessa ação, os alunos levaram uma atividade sobre o *bullying* para realizar com os familiares. Trata-se de um material adaptado da apostila *Chega de bullying* (CARTOON NETWORK, 2013), o objetivo foi relacionar os conteúdos trabalhados na sala de aula com exemplos práticos, bem como facilitar a percepção dos alunos sobre o tema, no intuito de iniciar um diálogo com a família sobre essa problemática. É importante relacionar que algumas das atividades foram cuidadosamente adaptadas, a fim


de exemplificar situações que estavam sendo experienciadas no contexto da turma.

Na Figura 6, apresentamos como o conteúdo foi organizado.

**RELEMBRANDO**

**O BULLYING NÃO É BRINCADEIRA!**

ATIVIDADE 1 - PROBLEMAS NO PÁTIO



**Atividade 1 - Problemas no Pátio:** Agora escreva as três situações que você identificou:


Situação 1: \_\_\_\_\_

Situação 2: \_\_\_\_\_

Situação 3: \_\_\_\_\_

ATIVIDADE 2 - ATENÇÃO AO SEMÁFORO!

As cores do semáforo representam algo. **Vermelho** é perigo; **Amarelo** é atenção; e **Verde** é permissão. Que tal utilizar esse código para o Bullying?



**PERIGO!** Se trata de **Bullying**

**ATENÇÃO!** Ainda não é Bullying, mas isso pode chatear alguém.

**CORRETO.** Agir dessa forma ajuda na boa convivência com as pessoas.

**Atividade dois:** Indique uma cor do semáforo para cada situação do quadro.

- Ajudar um colega quando ele perde algo.
- Pôr apelido e dar risada de um colega todos os dias.
- Inventar mentiras e fofocas de um colega.
- Escutar e respeitar a opinião dos outros.
- Proibir ou ignorar um colega durante as atividades.
- Convidar um colega para jogar futebol, mesmo que ele não seja seu amigo.

ATIVIDADE 3 - LIGUE CADA SITUAÇÃO A UMA SOLUÇÃO.

| SITUAÇÃO  | SOLUÇÃO   |
|---|---|
| Desde que começaram as aulas, um grupo de colegas ri da aparência de Paula.                             | Contou para a professora, e organizaram juntas uma roda de conversa sobre o Bullying e a importância do respeito as diferenças. |
| Pedro viu quando um menino maior perseguiu João.  | Aproximou-se do colega e levou para falar com o professor.  |
| As amigas de Mariana começaram a deixar ela de lado, não a deixam brincar, espalham boatos e riem dela. | Falou com a professora e conversaram com as amigas para entender e parar com os boatos.   |

ATIVIDADE 3 - ENCONTREI A SOLUÇÃO!

**Atividade adaptada:** Chega de Bullying. Estudantes do Ensino Fundamental I, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/ria2/stb/box/arquivos/documentos/792.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Figura 6 – Relembrando O *bullying* não é brincadeira!

Fonte: organizada pela autora, adaptado de Cartoon Network (2013).

Os pais, por vezes, não sabem como conversar ou agir com os filhos sobre questões que envolvem o *bullying* (TOGNETTA, 2020a). Nesse sentido, precisamos, enquanto profissionais que se preocupam com a educação, atuar como suporte às famílias, fornecendo-lhes ferramentas capazes de incluí-las no desenvolvimento de práticas que desencorajam atitudes agressivas e preconceituosas, incentivando comportamentos de cooperação e respeito (LEAL, 2023), objetivando compromisso com melhora nas relações de convivência, não apenas escolar, mas da tríade escola, aluno e família.

Continuando nossas atividades de intervenção, os alunos foram convidados a realizar a dinâmica “Como podemos cuidar dos valores que queremos”, onde foram divididos em grupos de acordo com as preferências pessoais, para assistir ao vídeo *The Bridge – Curta Metragem* (YOUTUBE, 2013), conforme demonstra a Figura 7, a fim de favorecer momentos de discussão a respeito dos acontecimentos do vídeo. O intuito foi promover trocas entre os alunos sobre suas percepções, já que é na convivência com o outro que temos a oportunidade de construir a identidade própria e coletiva (TOGNETTA; LEPRE, 2022).

Após realizar a atividade entre grupos, seguimos nossa intervenção, no entanto, agora os grupos foram divididos de maneira aleatória para realizar a dinâmica “Passa ou Repassa do *bullying*”, composta por um tabuleiro de luzes, em que dois membros (um de cada equipe), após a sinalização, deveriam apertar o botão para adquirir o direito de resposta. O objetivo da atividade consistiu na promoção do diálogo no grupo sobre a situação caracterizar *bullying* ou não. O conteúdo explorado na prática foi adaptado da apostila *Chega de bullying: Não fique calado* (CARTOON NETWORK, 2013), conforme demonstra a Figura 8.

16

## ATIVIDADE DOIS

COMO PODEMOS CUIDAR DOS VALORES QUE QUEREMOS?

### DEPOIS DE ASSISTIR O VÍDEO RESPONDA:



1) QUAIS ANIMAIS COMPUNHAM A PRIMEIRA DUPLA, E QUAIS COMPUNHAM A SEGUNDA?

1ª dupla: urso e o urso, 2ª dupla: coelho e o coelho

2) COMO VOCÊ ACHA QUE O URSO ESTAVA SE SENTINDO?

Eu acho que a urso estava com muita tristeza e chateada



3) QUAIS FORAM AS ATITUDES DOS ANIMAIS NO PRIMEIRO MOMENTO DO VÍDEO?

Essa atitude foi de tristeza e de que eles não se curaram

4) QUAIS FORAM AS CONSEQUÊNCIAS DESSAS ATITUDES?

As consequências foi de que os dois se deram mal e tiveram falta de educação



5) COMO ELES DEVERIAM TER AGIDO?

Eles deveriam ter agido com respeito, tranquilidade e sem a queixa

Figura 7 – Atividade “Como podemos cuidar dos valores que queremos”.

Fonte: organizada pela autora.

**IMAGENS PARA JOGO - "É BULLYING OU NÃO É?"**

**LISTA DE PERGUNTAS PARA JOGO - VERDADEIRO OU FALSO DO BULLYING:**

**VERDADEIRO OU FALSO:** O Bullying é uma brincadeira comum entre meninos e meninas na escola.

**VERDADEIRO OU FALSO:** Se você é uma vítima de Bullying, você pode sentir medo, tristeza e falta de vontade de ir a escola.

**VERDADEIRO OU FALSO:** Se você tem características físicas ou intelectuais diferentes de seus colegas de sala de aula, você merece sofrer Bullying.

**VERDADEIRO OU FALSO:** A culpa de você ser agredido por algum de seus colegas, é sua e não dele.

**VERDADEIRO OU FALSO:** Sofrer Bullying na escola é algo normal, acontece com todos os meninos e meninas.

**VERDADEIRO OU FALSO:** O Bullying afeta quem é perseguido, que é a vítima, quem persegue, que é o agressor, e quem observa, que é a testemunha.

**Figura 8** – Dinâmica Passa ou Repassa do *bullying*.

Fonte: organizada pela autora com base em Cartoon Network (2013).

A seleção aleatória dos grupos causou agitação e discordância em alguns alunos que não queriam interagir com colegas que não tinham afinidade. Nesse sentido, compreendemos que o conflito pode assumir duas características, construtivo ou danoso, tudo depende da maneira como for conduzido. Por isso, nossa intervenção ocorreu de modo a ouvir os alunos e suas queixas, incentivando-os a verbalizar sentimentos, intervindo e argumentando acerca da importância de aprender a trabalhar com o diferente (CHIAPARINI; SILVA; LEME, 2018).

Com o intuito de observar de que maneira os estudantes conseguiram assimilar os conteúdos trabalhados em sala de aula, eles foram convidados a responder novamente à pergunta inicial do questionário: Escreva um conceito sobre *bullying*. Agora, eles foram orientados a escrever em *post-its* seus entendimentos e fixá-los em um mural, construindo coletivamente o “Mural do *bullying*”.



Chalita (2008) relaciona a sociedade a partir de uma visão de mundo integrado, incluindo princípios, como: interdependência, princípio causa e efeito, parceria, flexibilidade, diversidade e civilidade. O *bullying* atua violando esses princípios, porque desconsidera, desumaniza e violenta o outro. Assim, dentro de uma escola, o *bullying* exerce influência negativa sobre as relações de convivência.

O fato acima pode ser ilustrado pelas respostas de três estudantes, conforme exposto a seguir: O *bullying* é: “Uma agressão física ou psicológica, que ocasiona dor e sofrimento e traz consequências para todas as pessoas. Não faça *bullying!*” (Estudante 5); para o Estudante 6: “O *bullying* não é algo tão difícil de acontecer, é algo bem ruim, tem a testemunha, a vítima e o agressor.” E a terceira, “O *bullying* é uma coisa ruim. Todos devem odiar o bullying, não é? Com o *bullying* as coisas são escuras e sem o *bullying*, tudo brilha.” (Estudante 7).

No mundo todo, pesquisas têm evidenciado a dificuldade das vítimas em demonstrar seus sentimentos diante de uma situação de *bullying* (FOGNETTA, 2020b). Assim, foi necessário fornecer subsídios teóricos para que os estudantes compreendessem o significado dessa manifestação de violência. Nesse sentido, pode-se observar o amadurecimento da compreensão do fenômeno após as atividades interventivas, sendo que apresentaram conceitos mais consistentes, entendendo os papéis dos envolvidos, seus sentimentos e emoções acerca dos acontecimentos.

É importante relacionar, aqui, que essas práticas precisam ser continuadas, uma vez que, do contrário, elas podem ser erroneamente confundidas com o senso comum, assemelhando-se a última fala apresentada acima, que expõe uma expressão romantizada e superficial do fenômeno.

Para Vinha *et al.* (2017), é importante refletir sobre como construir uma escola de diálogo e transformação pessoal e coletiva, a fim de fornecer instrumentos para que as crianças saibam pensar e agir em situações de conflito. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas no período de intervenção tiveram o intuito de oportunizar momentos de trocas de experiências e aprendizagem, visando favorecer as relações de convivência na sala de aula.

A escola precisa se transformar e incorporar práticas para se tornar o espaço que introduz, explica e acolhe o trabalho com as diferenças, objetivando que por meio de seus estudantes os conteúdos sejam repassados para além das paredes da escola. Aprendemos e ensinamos o tempo todo, podendo esse ser um movimento negativo ou positivo (CHALITA, 2008). Assim, é importante fornecer ferramentas para que as crianças, quando em contexto de convivência externo à escola, tenham a oportunidade de ensinar aquilo que aprenderam.

### **3.3 Possibilidades de promoção da convivência construídas a partir da intervenção**

Observando a afirmação de Tognetta (2020a), de que as famílias, por vezes, não encontram a maneira adequada de dialogar com os filhos sobre a problemática do *bullying*, as atividades de fechamento foram construídas com o intuito de dar continuidade ao trabalho iniciado em sala de aula em casa, objetivando aproximar os pais do contexto escolar. As atividades consistiam em duas tarefas de casa, nas quais os estudantes deveriam conversar com os pais sobre suas experiências com o *bullying* e, na sequência, construir um acróstico com a palavra.

É preciso oportunizar às famílias e à comunidade na qual circulam os estudantes diálogo, participação e envolvimento com a cultura *antibullying*, já que, em muitos casos, os comportamentos que comprometem e dificultam as relações de convivência na escola estão refletindo os comportamentos agressivos aprendidos nos ambientes familiares, sendo assim, desdobramentos de vivências familiares (LEAL, 2023). Por meio das respostas obtidas foi possível identificar que alguns pais também passaram por essas experiências na infância.

Tal fato pode ser ilustrado pelas respostas de dois estudantes, sendo elas: *“Minha tia na adolescência sofreu bullying, pois tinha muita acne, chamavam ela de espinheira santa.”* (Estudante 8). E o segundo, *“Meu pai era chamado de magricela, ele não dava muita importância e descontava nos pequenos. Um dia ele percebeu que isso era errado e parou.”* (Estudante 9).



Ao envolver famílias e crianças em uma atividade, temos a oportunidade de conhecer suas raízes e, desse modo, compreender os impactos dessas ramificações no contexto da convivência. Assim, aproximar a família da escola e incentivá-la a colaborar na solução do conflito, pode influenciar os pais a refletir sobre ações e impactos, bem como contribuir para a superação das situações-problema enfrentadas por seus filhos na escola (TOGNETTA, 2020b).

Ademais, pode auxiliar na melhora na relação de convivência entre os pares, uma vez que aprender a conviver é intrínseco aos seres humanos, logo, é competência da escola, em conjunto com a família, auxiliar as crianças no estabelecimento de seus processos de convivência, uma vez que toda a relação humana denota modelos de convivência que dependem da estrutura cultural de cada relação (TESSARO, 2022).

Como complemento a segunda atividade consistia na construção de um acróstico com a palavra *bullying*. Conforme ilustra a Figura 9.



**Figura 9** – Acróstico do *bullying*

Fonte: Dados da pesquisa.

Por fim, a última prática compreendia a lembrança oferecida à turma como fechamento, que consistia em um bloco para mensagens silenciosas com orientações de uso, em que os estudantes deveriam utilizá-lo para momentos de desabafo e apoio aos colegas, a fim de dar continuidade ao trabalho iniciado na intervenção. Isso se justifica, por Tognetta (2022), que enfatiza que instituições de ensino necessitam continuamente ser espaços que favoreçam a compreensão, a acolhida, a escuta e o diálogo, no qual crianças tenham a oportunidade de dialogar sobre seus sentimentos e serem respeitadas e ouvidas.

Depois de todas as atividades de intervenção realizadas, foi possível perceber a evolução dos estudantes acerca do entendimento da problemática, já que, no final do período, eles trouxeram conceitos mais profundos somados a exemplos significados. E também, melhoria nas relações de convivência, já que durante a realização das práticas os alunos conversaram abertamente a respeito de situações vivenciadas, verbalizando sobre sentimentos e motivações associados às situações enfrentadas.

Com o intuito de fornecer à escola registro escrito, suporte teórico e novas oportunidades de trabalho com a problemática em sala de aula, foi desenvolvido um material que consiste em um portfólio composto por todas as atividades desenvolvidas durante a intervenção, bem como cópia das atividades e pesquisa, juntamente com resultados, objetivando fornecer “bagagem metodológica” (TESSARO, 2022), para que o trabalho iniciado com a intervenção possa ser continuado também dentro da instituição e que de acordo com as necessidades seja adaptado a outros níveis de ensino.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das reflexões tecidas neste artigo, compreendemos que a construção de práticas pedagógicas intencionais, planejadas e sistematizadas é importante para promover a convivência entre e com os estudantes (TESSARO, 2022). Desse modo, referenciais

da psicologia moral podem nos auxiliar, pois compreendem a importância do desenvolvimento integral do aluno por meio de práticas sociointeracionistas. Além disso, a discussão e problematização de fatos comuns no cotidiano da escola, como o *bullying*, precisa ser realizada com e entre os estudantes, a fim de valorizar o protagonismo desses sujeitos e promover a convivência ética e democrática.

Nesse sentido, diante do nosso objetivo de pesquisa: analisar os impactos de uma intervenção sobre a promoção da convivência escolar entre os alunos matriculados no 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, localizada no meio-oeste catarinense, compreendemos que a adoção de estratégias pedagógicas pautadas no reconhecimento inicial da turma (diagnóstico), promoveu a ampliação dos conhecimentos acerca do que é o *bullying*, além de oportunizar interação entre pais e filhos, envolvendo, assim, aquilo que consideramos primordial no enfrentamento desse fenômeno: participação dos estudantes, famílias e escola.

Reconhecemos o caráter embrionário deste estudo, visto que as intervenções ocorreram em uma única turma, em determinado período temporal. Acreditamos na importância da continuidade de ações desse nível e, ainda, na incorporação de discussões sobre o papel do psicólogo escolar, uma vez que o contexto escolar constitui um ambiente rico de oportunidades para a atuação desse profissional e que carece de iniciativas que incentivem a incorporação deste nas práticas de trabalho diário.

Fundamentado pela aprovação da Lei nº. 13.935/2019, a qual dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e serviço social nas redes públicas (BRASIL, 2019), quando incorporado ao quadro de profissionais da escola, o psicólogo tem a oportunidade de desenvolver um trabalho de modo a fornecer suporte aos professores para o trabalho com as manifestações de violência que surgem no contexto escolar e que prejudicam a qualidade do convívio e das interações sociais, como exemplo, o explorado nesta pesquisa, o *bullying*.

Ademais, os psicólogos possuem subsídios teórico-práticos necessários para a compreensão da complexidade das relações interpessoais que incidem nos processos de ensino-aprendizagem e do indivíduo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019).

Conforme afirma Tognetta (2020b), certamente não existe uma maneira de assegurar que o resto da vida de um autor de *bullying* possa vir a transformar seus comportamentos, ou desenvolver prontamente o senso de empatia que lhe faltou. Mas, cabe à escola fornecer as oportunidades, bem como o desenvolvimento de práticas mais assertivas que viabilizem a convivência.

Nesse sentido, por intermédio da construção da presente pesquisa, foi possível confirmar a hipótese inicialmente levantada, já que conseguimos identificar que, ao fornecer às crianças ferramentas psicopedagógicas, teórico-práticas, a fim de oportunizar condições para o desenvolvimento de potencialidades morais, as crianças têm as capacidades necessárias para melhorar suas relações de convivência, bem como compreender o conflito e escolher de forma mais consciente que postura adotar ou a quem procurar.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BRASIL. **DataSenado**. Impactos da pandemia na educação no Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/impactos-da-pandemia-na-educacao-no-brasil>. Acesso em: 3 mar. 2023.

BRASIL. Lei nº. 13.185, de 6 de novembro de 2015. **Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying)**. Brasília, DF, 2015.

BRASIL. Lei nº. 13.227, de 29 de abril de 2016. **Institui o dia 07 de abril como o Dia Nacional de Combate ao bullying e à violência na escola**. Brasília, DF, 2016.

BRASIL. Lei nº. 13.663, de 14 de maio de 2018. **Altera o Art. 12 da Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. Lei n.º 13.935, de 11 de dezembro de 2019. **Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica.** Brasília, DF, 2019.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, DF, 1996.

CARTOON NETWORK. **Chega de bullying.** Não fique calado. Estudantes do Ensino Fundamental I. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/792.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade.** *Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores.* São Paulo: Editora Gente, 2008.

CHIAPARINI, Cândida; SILVA, Ivone Maria Mendes; LEME, Maria Isabel da Silva. Conflitos Interpessoais na Educação Infantil: olhar de futuros professores e egressos. **Psicologia, Escola e Educação**, n. 22, dez. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para a atuação de psicólogos(os) na Educação Básica.** 2. ed. Brasília: CFP, 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-os-na-educacao-basica/>. Acesso em: 25 set. 2023.

DISKIN, Lia; ROIZMAN, Laura Gorresio. **Paz como se faz?** Semeando a cultura de paz nas escolas. 4. ed. São Paulo: Palas Athena: Brasília, DF: Unesco, 2021.

FAZ EDUCAÇÃO & TECNOLOGIA. **Dificuldades de socialização pós-pandemia: o que a escola deve fazer?** 2022. Disponível em: <https://www.fazeducao.com.br/dificuldades-socializacao-pos-pandemia>. Acesso em: 23 jul. 2023.

FRICK, Loriane Trombini *et al.* Estratégias *Antibullying* para o ambiente escolar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 13, p. 1152-1181, jul./set. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e Ética:** Dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEAL, Flávia Daniela Bosi. A comunidade envolvida no *bullying* escolar. **Cadernos de Educação**, v. 22, n. 44, jan./jun. 2023.

HASPER, Jaqueline Tatiane Welke. Bullying na escola: Um olhar da psicologia. *In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA*, 21., 2016, Ijuí. **Anais [...]**. Ijuí: Unijuí. 2016.

NEFF, Kristin. **Autocompaixão**: pare de se torturar e deixe a insegurança para trás. Teresópolis: Lúcida Letras, 2017.

OLIVEIRA, Elida. **Bullying, indisciplina e solidão**: o clima das escolas brasileiras revelado pelo PISA 2018. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/04/bullying-indisciplina-e-solidao-o-clima-nas-escolas-brasileiras-reveladas-pelo-pisa-2018.ghtml>. Acesso em: 17 jul. 2023.

PAZ, Fernanda Marques; FRAGA, Isabella Machado. As contribuições da Psicologia Escolar no enfrentamento do *bullying*. **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, v. 6, n. 12, 2022.

RÁDIO BRASIL DE FATO. **Vítima, agressores e plateia**: o que caracteriza a prática de bullying? Entenda no Rádio BdF. Edição Sarah Fernandes. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/01/vitimas-agressores-e-plateia-o-que-caracteriza-a-pratica-de-bullying-entenda-no-radinho-bdf>. Acesso em: 23 jul. 2023.

RENNÓ, Regina; OTERO, Regina. **Ninguém é igual a ninguém**. “O lúdico no conhecimento do ser”. São Paulo: Editora do Brasil, 2000.

ROMANZINI, Andréia Vedana; BOTTON, Letícia Thomasi Jahnke; VIVIAN, Aline Groff. Repercussões da pandemia da Covid-19 em crianças do Ensino Fundamental. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, especial 5, p. 148-163, dez. 2022.

**SOMOS todos contra o bullying**. Sala de Aula. 2021. Disponível em: <https://www.somoscontraobullying.com.br/>. Acesso em: 3 mar. 2023.

TESSARO, Mônica. **Enfrentamento e prevenção do bullying e outras vivências**: construção de um programa de formação de profissionais que atuam na escola. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, SC, 2022.

TOGNETTA, Luciane Regina Paulina. **Bullying e Convivência em tempos de escolas sem paredes**: A formação para a convivência. Americana: Adonis, 2020a.

TOGNETTA, Luciane Regina Paulina. **Quando a preocupação é compartilhada: A intervenções aos casos de *bullying***. Americana: Adonis, 2020b.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. A temática da convivência ética em contextos escolares. **Revista On-Line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 23, n. 3, jul. 2022.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; LEPRE, Rita Melissa. **Um currículo para a promoção da convivência ética e prevenção a violência: O que é?** Americanas: Adonis, 2022.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; OLIVEIRA, Vitória Hellen Holanda; BOMFIM, Sanderli Aparecida Bicudo. Adesão a valores morais entre envolvidos em situação de bullying. **Revista Tópicos Educacionais**, Pernambuco, v. 27, n. 1, p. 98-119, 2021.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; ROSÁRIO, Pedro. Bullying: Dimensões psicológicas no desenvolvimento moral. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 56, p. 106-137, set./dez. 2013.

VINHA, Telma *et al.* Um programa visando a convivência ética e melhoria do clima escolar realizado em escolas brasileiras. **Psicología y Educación para la Salud**. Scinfolger, p. 147-155, 2017.

VINHA, Telma Pileggi; TOGNETTA, Luciane Regina Paulino. Até quando? bullying na escola que prega a inclusão social. **Educação Santa Maria**, v. 35, n. 3, p. 449-464, set./dez. 2010.

YOUTUBE. **The Bridge** – Curta Metragem. YouTube, 27 dez. 2013. 1 vídeo (2min45seg). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=y\\_zhlpjgJ8Y](https://www.youtube.com/watch?v=y_zhlpjgJ8Y). Acesso em: 3 mar. 2023.